Resistência - Solidariedade - Mística

A casa e o ano jubilar

Francisco Orofino

1. O que é uma casa?

José e Filomena vieram do sertão da Bahia para uma cidade-satélite de Brasília. Lá começaram a construir um barraco com os restos de papelão e de madeira compensada que José conseguia catar na rua. Neste barraco, de apenas um cômodo, José e Filomena davam abrigo para seus cinco filhos e dois cachorros. As crianças, depois de passar o dia inteiro na rua, voltavam para o barraco dizendo para as outras crianças de rua: "estamos indo para casa!" No bairro dos Jardins, em São Paulo, um banqueiro famoso está construindo um imenso prédio, com 38 cômodos, entre eles, cinco suítes, dez quartos, sala de estar com bar anexo, sauna, sala de jogos e um heliporto no telhado. Quando pega o helicóptero depois de um dia de trabalho, o banqueiro diz: "estou indo para casa!"

Como se quisesse justificar seu trabalho, feito de contínuas viagens, um caminhoneiro escreveu assim no pára-choque: "Viajo muito porque gosto de voltar para casa!" Todo mundo gosta de estar em casa! Nada melhor do que estar na sua casa, convivendo com os seus! Só que, evidentemente, *casa* nem sempre significa a mesma coisa, como mostra o contraste acima. Ora, o que esconde a palavra "casa"? O que faz com que as pessoas, independente de sua renda e de seu nível de vida, queiram ter uma casa, convivendo com os seus pais, irmãos e irmãs e mais alguns agregados?

Assim como a palavra *casa* aparece de uma maneira ambígua e contraditória nos episódios acima, aparece também na Bíblia. A palavra *casa* na Bíblia esconde diferentes realidades. *Casa* pode significar a casa agrícola de uma família, como a de Gedeão em Jz 6,15. Pode significar a casa pastoril de uma família rica como a de Nabal em 1Sm 25,2. Pode significar a casa da família de uma prostituta, como a de Raab em Jericó (Js 2,1). Pode significar o palácio real (1Rs 7,1). Pode significar o templo de Javé (2Sm 7,5; Sl 135,2). Pode significar a dinastia reinante (Is 7,2.13). Pode ser também o povo, considerado como Casa de Jacó (Ex 19,3; Is 58,1; Mq 2,7). Pode significar todo o país, considerado como Casa de Javé em Os 8,1. *Casa* serve para tudo porque é uma palavra-chave na sociedade israelita. Na Bíblia também todos querem estar em casa! Estar em casa, voltar para casa ou reconstruir a casa parece ser um ponto central na proposta do Jubileu (Lv 25,10.41; Is 61,4).

Aqui não podemos esgotar todo o assunto relativo à casa, dentro de um estudo exaustivo. Veremos a casa dentro de uma determinada perspectiva: a dos laços de solidariedade que unem os membros de uma casa, gerando resistência, sobrevivência

ou empenho em sua restauração. A casa, na perspectiva do Ano Jubilar, deve ser o espaço de resistência dos pobres frente às injustiças sociais reinantes no país (Mq 2,2; Is 5,8), ou diante da dominação estrangeira (Ne 5,3; Jt 7,14).

O grande exemplo de reconstruir a casa, dentro desta perspectiva, está no livro de Rute[1]. Através deste livro vemos que, no período do pós-exílio, a casa passa a ser um espaço mítico, um lugar igualitário por excelência, o ideal de uma convivência perfeita (Tb 11,16-17; Jt 16,21-24). Quase um sonho de difícil concretização. Este esforço em preservar a casa é fruto de uma luta histórica contra as forças sociais, políticas ou econômicas que buscavam desestruturá-la através da ruptura dos laços familiares que uniam as pessoas debaixo do mesmo teto. Esta luta de resistência das casas acabou revelando o rosto familiar de Deus[2].

2. A importância da casa na sociedade israelita

A base da organização social israelita, a unidade econômica básica e, ao mesmo tempo, o espaço vital, o centro da vida e da identidade de uma pessoa era "a casa". A casa englobava todas as edificações, como as moradias e os estábulos. Incluía também o terreiro, as plantações, os pomares, os rebanhos. Indicando o patriarcalismo dominante na sociedade israelita, este espaço de vida era chamado de "casa do pai" *(bayt 'ab)* (Gn 17,23.27).

Em Israel, uma casa era o local residencial de um número significativo de pessoas, ligadas entre si pelos laços do parentesco. Esta reunião familiar podia abranger várias gerações numa mesma linhagem de descendência. Avós, pais, filhos, netos, tios, agregados, todos viviam na "casa". Assim, a palavra *casa* tanto pode definir o conjunto residencial como também o grupo de pessoas que lá vivia. O túmulo dos antepassados servia de elo de ligação entre as pessoas e a terra familiar. Por isso todos eram enterrados nas terras da família (1Sm 25,1; 2Sm 21,14).

Dependendo das condições sócio-econômicas, numa casa israelita poderiam viver entre 50 e 100 pessoas, numa distribuição de trabalho voltada para a auto-suficiência de seus habitantes, produzindo tudo o que fosse necessário para a sobrevivência de todos. Sendo o centro da vida e o espaço de identidade, a tranqüilidade e a estabilidade da casa era o maior sonho de seus moradores (Dt 11,10-15). Mas, para que esta tranqüilidade fosse uma realidade, a casa dependia de três coisas fundamentais:

– A descendência. A fertilidade humana era a garantia de um futuro para a casa (Gn 15,3; Sl 127,3-5). Um homem sem descendência veria seu nome desaparecer. Por isso mesmo eram importantes os rituais de fertilidade. A maldição caía sobre a mulher estéril (Gn 30,1), já que numa sociedade patriarcal o homem sem filhos nada valia. Também neste sentido, uma grande ameaça para uma casa era a peste (Lv 26,25; Dt 28,21). Uma doença poderia dizimar toda a casa e ela desapareceria.

1. Cf. MESTERS, C. *Rute*. Petrópolis: Ed. Vozes/Ed. Sinodal, 1986.

2. BREMER, Margot. *Judit – La refundación del pueblo desde un Dios casero*. Asunción, 1991.

– O rendimento agrícola. A subsistência da casa era fruto do trabalho de seus habitantes dentro de uma economia agropecuária. Havia casas cuja economia era mais agrícola e casas com economia mais pastoril, dependendo da região. De qualquer maneira a produção da casa, agrícola ou pastoril, estava voltada basicamente para o sustento de seus membros. A seca prolongada poderia colocar as estruturas da casa no chão (Dt 28,24; Jr 14,2-6). Mas o grande perigo aqui eram as injustiças do sistema de empréstimos (Ne 5,1-5), os tributos exigidos pelo estado (1Rs 5,2-3) ou o roubo realizado pelos mais ricos (Is 5,8; Jó 24,1-11). A fome e a carestia também eram grandes ameaças pairando no horizonte (Gn 42,2).

– A paz sócio-política. Para que a casa pudesse viver e sobreviver eram necessárias garantias contra as ameaças externas, frutos de decisões sociais e políticas que muitas vezes não estavam dentro dos limites do poder de seus moradores. O estado, nas suas necessidades de defesa, poderia desestruturar uma casa através de taxas e impostos, de requisições de homens e de animais, desequilibrando sua produção e o consumo (1Rs 9,15-24). Quando a casa destinava o que produzia para pagar os impostos, acabava faltando comida para seus moradores. Outra grande ameaça era a guerra (Lv 26,25; Jr 15,5-9). Um exército passando arrasava as casas que estivessem no seu caminho (Jr 14,18).

Estes três pontos nos permitem entender as bênçãos para uma casa. Vemos que as bênçãos aparecem por trás de imagens ideais, transmitindo tranqüilidade e estabilidade para a casa: descendência, saúde, fertilidade, colheitas abundantes, chuvas, comida, rebanhos, paz (Jó 42,11-15). A reunião de todos estes elementos é o que a Bíblia chama de *shalôm* (paz). O *shalôm* era a imagem de uma casa tranqüila e feliz, onde seus moradores viviam uma vida plena e satisfeita, vivendo em prosperidade e bem-estar (Sl 128). A ausência deste *shalôm* significava total infelicidade para o indivíduo e para o povo todo (Lm 3,17).

O conceito de *shalôm* mostra que a casa era também um espaço celebrativo. As narrativas sobre a festa da Páscoa retratam bem este ambiente de celebração familiar em torno de Javé, o Deus Libertador (Ex 12,1-14). A memória da libertação realizada por Javé no Egito tinha como ponto de partida um fato sempre relembrado: "Javé passou no Egito junto às casas dos filhos de Israel, ferindo os egípcios e protegendo as nossas casas" (Ex 12,27). Esta memória foi particularmente forte durante o período tribal. No tempo dos juízes, as assembléias celebrativas nos santuários eram o momento privilegiado onde as casas renovavam o compromisso de continuar na confederação tribal através da renovação da fé em Javé, reafirmando sua vontade em continuar no projeto de Javé. Na assembléia de Siquém, Josué reafirma: "De minha parte eu e minha casa serviremos a Javé!" (Js 24,15).

Ora, sendo uma estrutura fundamental e vivendo dentro de um sistema com um equilíbrio tão precário, a casa foi elaborando leis que garantissem a sobrevivência de todos os seus habitantes. Mas a lógica da produção de uma casa, na luta por sua sobrevivência, fazia com que a corda rebentasse sempre do lado mais fraco, ou seja,

dos não-produtivos[3]. Assim, os idosos, os doentes, os órfãos, as viúvas, as crianças, as mulheres, os migrantes e estrangeiros eram os primeiros a sofrer com a fome e com a falta de recursos.

A casa patriarcal buscava preservar primeiro a força de trabalho necessária para a sua própria sobrevivência e sua reprodução. A vida da família dentro de casa era como uma corrente, onde os elos mais fortes estavam nos homens produtivos, como não poderia ser diferente numa sociedade patriarcal. Os elos mais fracos valiam-se de leis para sua proteção, buscando preservar em sua defesa os laços solidários do sangue e do parentesco. Mas boas leis sempre são as primeiras a serem esquecidas nos momentos de dificuldades. Os melhores laços não sobrevivem em determinados momentos críticos (Sl 41,10).

3. Mantendo a coesão da casa com os laços de sangue

O processo de elaboração das leis que mantinham a casa unida e coesa dependia diretamente dos diferentes espaços dentro de casa. Provavelmente originaram-se da observação de seus moradores diante dos fenômenos da Natureza ou das práticas da convivência. Com o tempo sintetizaram estas observações em provérbios (cf. Pr 15,25 com Dt 19,14; Pr 17,5 com Lv 19,14). Com o passar das gerações, a partir de seus provérbios, cada casa elaborou diferentes leis em defesa da vida de todos os seus membros, acumulando assim a sabedoria necessária para garantir o prosseguimento da família. Hoje na Bíblia temos codificada parte destas leis. Evidente que muitas se perderam.

O principal local de observação e de sistematização deste saber acumulado pela família era a própria casa, a *residência*, o espaço que abrigava a família e dava uma proteção diante do sol e da chuva. Neste espaço surgiram as leis em defesa da vida de cada um: o pai, a mãe, os filhos e as filhas. Eram as pessoas que formavam o núcleo central do clã e que estavam sob a proteção do vingador do sangue (Ex 21,12-17).

Depois, havia o *sôd* (Ez 13,9; Sl 11,1), a reunião ou assembléia da família num terreiro em frente ao prédio central, geralmente ao cair a tarde[4]. Neste espaço acontecia a educação das crianças, as conversas divertidas (Jr 15,17), as festas familiares. Era o espaço onde a tradição da família passava de geração em geração. Aqui provavelmente surgiram os provérbios a respeito da vida familiar e de suas necessidades (Pr 15,22), bem como o perigo de falar demais e revelar os segredos e a sabedoria da família (Pr 11,13; 20,19).

Depois vinham as plantações e os estábulos. Era o local do trabalho necessário para garantir a sobrevivência de todos (Ex 22,4-14). Da divisão do trabalho e da

3. Cf. GNUSE, Robert. *Não Roubarás – Comunidade e propriedade na tradição bíblica*. São Paulo: Ed. Loyola, 1986, p. 34-51.

4. Sobre a importância do *sôd*: CHOURAQUI, A. *Os homens da Bíblia – Vida Cotidiana*. São Paulo: Imago, 1990, p. 148-149.

distribuição do produto surgiram as leis garantindo a igualdade e a justiça na distribuição do necessário para todos (Ex 16,16-21). Todos deveriam receber o suficiente para continuar a viver bem (cf. 2Cor 8,14-15).

Enfim, num espaço junto ao *portão* aconteciam as decisões jurídicas, as leis em defesa da vida, a garantia do direito (Ex 23,1-9), os ritos de julgamento e de adoção (Ex 21,6).

Assim, na tentativa de garantir a vida para todos, a casa foi elaborando um grande número de leis que defendesse a integridade de seus moradores. Algumas destas leis mostram que se defendia em primeiro lugar as pessoas que formavam o núcleo central do clã: o pai e a mãe e os indivíduos com mais direitos dentro da casa, ou seja, os homens produtivos e com plenos direitos, chamados de *'ish* (Ex 21,7–22,16). Para este núcleo e para os problemas que os envolvem diretamente foram sistematizados os códigos como o Código da Aliança (Ex 20–23).

As leis presentes neste Código mostram que, dentro da casa, a relação legal entre iguais, de indivíduo para indivíduo, acontece entre os homens que fazem parte do mesmo clã. A mulher protegida ou é a mãe, sempre em relação com o pai já que ambos formavam o núcleo principal do clã (Ex 20,12; 21,15.17), ou é a filha vendida como escrava (Ex 21,7-11), ou a mulher grávida, quando ocorre algum risco para a criança (Ex 21,22). A escrava é lembrada quando sua força de trabalho é atingida (Ex 21,20; 26-27). A mulher só tem seus direitos igualados aos do homem diante dos chifres de um boi (Ex 21,28-32).

Este núcleo central do clã estava protegido por uma instituição fundamental: o vingador do sangue ou *go'el*. Os laços de parentesco consangüíneos tinham que ser preservados para que as pessoas da casa tivessem segurança diante dos problemas causados pela dinâmica social que desestruturava a casa, tais como o assassinato de alguém, as dívidas, o roubo etc. A legislação do Ano Jubilar mostra que o *go'el* deveria ser um parente consangüíneo, escolhido dentro da seguinte seqüência: um irmão, um tio, um primo-irmão ou alguém que "seja da própria carne" (Lv 25,48-49). Cabia a ele a vingança de sangue (Nm 35,19; Dt 19,12; cf. Gn 9,6), impedir a alienação das terras familiares (Lv 25,23-25) e resgatar os que se venderam por dívidas (Lv 25,48-49). A instrução sobre os deveres de um *go'el* passavam de pai para filho (Jz 8,18-21).

Desta forma, é importante um determinado grupo de leis, formando uma espécie de decálogo, que busca defender o núcleo central do clã. Estas leis trazem a fórmula legal *môt yûmat*, que pode ser traduzida da seguinte forma: *morte! ele morrerá*! Ou então: *Certamente morrerá*[5]. Tais leis, preservando a estrutura interna do clã, são as que vingam a morte dos homens produtivos, preservando a força de trabalho da família (Ex 21,12). Defendiam também o pai e a mãe (Ex 21,15). Atingiam os que raptavam

5. Sobre as leis *môt yumât*: ALT, A. *Terra Prometida – Ensaios sobre a História do Povo de Israel*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1987, p. 204-236.

alguém da família para vender como escravo (Ex 21,16), os que insultavam o pai ou a mãe (Ex 21,17; Lv 20,9), os que cometiam adultério (Lv 20,10). Atingiam também as pessoas que se envolvessem nos conflitos pelo poder dentro do clã, as agressões sexuais ou as práticas sexuais abomináveis (Lv 20,11-15; Ex 22,18). Estas leis visavam preservar os laços entre as pessoas que formavam a família ou as pessoas que estavam sob a guarda do *go'el*. É provável que o código de leis *môt yûmat* desencadeasse a ação do *go'el* (Gn 9,6).

Dentre outras leis visando manter a coesão do clã, temos a Lei do Levirato (Dt 25,5-10), que evitava a expulsão da casa de viúvas junto com seus filhos. O objetivo da lei do levirato era impedir o aparecimento de viúvas e de órfãos dentro do povo, ao mesmo tempo em que impedia que o nome do falecido desaparecesse (Dt 25,6). Esta foi a luta de Tamar, viúva excluída, cujos direitos lhe são negados. Estrangeira como Rute (Rt 4), fazendo-se de prostituta para defender os pobres e os excluídos, Tamar exige a observância da lei do levirato em defesa de sua família (Gn 38).

Tanto a viúva como o órfão, improdutivos dentro de casa, eram os primeiros a serem expulsos da casa no caso de uma crise econômica. Por isso precisavam de uma legislação própria (Ex 22,21-23). Mas a existência de viúvas e órfãos mostra que as leis em defesa da casa não estavam sendo seguidas (Is 1,17; Jr 7,6; 22,3). E este é um ponto importante para entendermos a proposta do Ano do Jubileu na perspectiva da casa resistente. As leis de defesa baseadas na consangüinidade já não estavam funcionado, pois geravam a pobreza.

De fato, a legislação que temos em códigos, como o Código da Aliança, mostra que a casa já não era um espaço ideal, com uma convivência igualitária. O Código da Aliança mostra que as leis estavam sendo deturpadas por pessoas dentro da própria casa. O pai já está assumindo outras funções específicas, com títulos próprios. Já não é mais apenas o *pai* da casa, mas é *'adon* de outras pessoas (Ex 21,1-6) e um *ba'al* de propriedades que se multiplicavam (Ex 21,28-32). Aos poucos deixa de existir o *pai* da casa. Seu lugar vai ser ocupado pelo *ba'al* da casa (Ex 22,7).

As leis que vimos até agora mostram que há uma tensão interna dentro de casa, uma crise de poder surgida pelo acúmulo de bens nas mãos de alguns. Esta crise acaba gerando desigualdade, exclusão e pobreza, arruinando a casa como espaço igualitário. A casa estava ruindo por dentro, apesar dos laços de sangue. Havia necessidade de um outro vínculo, mais forte que o próprio sangue, que unisse as pessoas numa nova casa. Uma casa solidária e igualitária.

4. Em busca de um relacionamento firme e solidário

Quando se fala em Jubileu pensamos logo no texto de Lv 25. É que lá encontra-se a legislação falando do Jubileu. Mas não podemos esquecer que Lv 25 é um texto sacerdotal (P). É portanto um texto elaborado na perspectiva da classe sacerdotal dominante. Em Lv 25 temos a proposta de um Jubileu oficial, atribuído

à reforma religiosa de Esdras. É justamente aí que mora o perigo! Temos que buscar textos que acenam com uma proposta alternativa, mostrando o Jubileu na perspectiva dos pobres e dos excluídos.

Um dos livros que mais nos ajudam a entender a proposta do Jubileu na visão dos pobres é o livro de Rute. As personagens principais são duas mulheres lançando-se com coragem numa difícil tarefa: reconstruir a casa. Estas duas mulheres estão vivendo a pobreza e o abandono. Não são parentes de sangue nem são da mesma raça. O único vínculo entre elas é um dos mais difíceis na convivência dentro de casa: são sogra e nora (Mq 7,6; Mt 10,35). O que as leva a caminharem juntas? O que as une? Existe entre Noemi e Rute um pacto de solidariedade mútua, expresso numa palavra muito conhecida, mas de difícil tradução: *hesed* (Rt 1,8; 2,20; 3,10). Esta é a proposta do livro. Temos então que entender o significado de *hesed* para descobrirmos o papel reservado à casa dentro do Jubileu.

O caminho proposto pela exegese tradicional é entender o sentido de *hesed* no relacionamento entre Deus e o ser humano[6]. Aqui vamos buscar o sentido de *hesed* analisando relacionamentos interpessoais, os laços afetivos entre pessoas concretas. Este relacionamento interpessoal é que mais tarde foi teologizado pela pregação profética.

O pacto entre Noemi e Rute se concretiza numa solene declaração da parte de Rute. Quando Noemi despede suas duas noras, ela diz para que ambas voltem aos seus parentes de sangue (Rt 1,8). Esta volta já está dentro de uma nova perspectiva, já que Noemi diz para Rute e Orfa voltarem para a casa *materna*! Desta maneira Rute está livre de qualquer vínculo com Noemi. Mas a solidariedade de Rute para com sua sogra é mais forte que o sangue. Ela diz então para Noemi:

> *"Não insistas comigo para que te abandone e me afaste de ti. Para onde fores, irei também. E onde passares a noite, eu também a passarei. Teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus"* (Rt 1,16).

Para definir este pacto, o texto, além de *hesed*, usa a palavra *dabeqah* (Rt 1,14; 2,8.21) para definir esta adesão mútua entre Rute e Noemi. Esta mesma palavra é usada na linguagem matrimonial em Gn 2,24: "Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe para *unir-se* (*dabaq*) à sua mulher, e se tornam uma só carne". Estas duas palavras nos permitem associar o sentido mais originário de *hesed* com o vínculo que une marido e mulher no relacionamento conjugal.

Um outro texto também sugere isto. Neste texto, relacionado com a pregação profética (Gn 20,1-18), encontramos Abraão com medo de que o rei Abimelec o mate para ficar com Sara. Pedindo ajuda à sua mulher, Abraão diz assim: "Pelo *hesed* que tens por mim, em todo lugar em que estivermos dirás que sou teu irmão" (Gn 20,13). A palavra aparece novamente definindo um sentimento dentro de um contexto de relacionamento conjugal.

6. Assim em STOEBE, H.J. *hesed*, em JENNI/WESTERMANN, *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, Volume 1, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978, col. 832-861.

Já dissemos que *hesed* é uma palavra de difícil tradução. Geralmente as Bíblias traduzem-na por fidelidade, misericórdia, amor, amizade. *Hesed* é tudo isso e mais do que isto. Não se pode captar todo o seu significado em apenas uma palavra. *Hesed* é um sentimento profundo que transborda em solidariedade recíproca, amor fiel, amizade profunda, bondade gratuita, afetividade partilhada, disponibilidade total. Este sentimento une as pessoas num empreendimento comum, assim como uniu Rute e Noemi numa hora bastante difícil para as duas. Quem recebe o *hesed* sente-se acolhido, protegido, livre de suas perturbações, da solidão, da angústia, do abandono. Enfim, *hesed* é um determinado comportamento humano que gera laços entre as pessoas envolvidas. Laços firmes e sólidos fazendo com que as pessoas se unam, numa convivência capaz de enfrentar os perigos, as perseguições, a dor, o medo, a morte.

Alguns exemplos nos ajudam a perceber este tipo de relacionamento interpessoal e o que ele é capaz de suscitar no meio do povo. Vimos como Abraão pede a Sara que o defenda dos perigos e do inimigo. Também é pelo *hesed* que Raab acolhe em sua casa os exploradores enviados a Jericó por Josué, gesto que colocou em risco toda a sua família (Js 2,12). É também a amizade profunda que une Davi e Jônatas, num pacto que resiste à morte (1Sm 20,8). É pelo *hesed* que os habitantes de Jabes de Galaad enfrentam os perigos e os riscos para retirar o corpo do rei Saul, pendurado pelos filisteus nas muralhas de Betsã, para dar-lhe um sepultamento digno (2Sm 2,5).

O primeiro a aprofundar o *hesed* como base teológica para um relacionamento novo foi Oséias (Os 2,16-17.21). O profeta sugere que o relacionamento entre Deus e o povo seja comparado com o relacionamento conjugal. O que sustenta o relacionamento conjugal é o *hesed* que une marido e mulher, como já vimos no caso de Abraão e Sara. Pois não pode haver casamento sem *hesed*. Afinal, o homem e a mulher mal se conhecem, casam e passam a viver debaixo do mesmo teto. Apesar do que diz o livro do Gênesis (2,24), era a mulher quem tinha que sair da casa de seu pai e ir para a casa do marido, vivendo no meio de pessoas estranhas. Muitas vezes se via mergulhada num ambiente diferente e agressivo. Ela não tinha laços de sangue com a família do noivo. Se por acaso seu marido morresse e a lei do levirato não fosse observada, ela teria que voltar para a casa de seu pai, que poderia ou não acolhê-la. Assim, a esperança da mulher é que o *hesed* fosse respeitado. Já vimos que esta foi a luta de Tamar (Gn 38).

A partir de sua própria experiência, Oséias percebeu que sem o *hesed* o casamento se desestruturava (Os 3,1). E, na ausência do *hesed*, os laços de sangue eram insuficientes para manter a harmonia. Esta insuficiência, diante das dificuldades de convivência, acaba gerando injustiças e opressão, colocando em risco a obra da criação de Deus (Os 4,1-3). Oséias vai dizer que Deus, no relacionamento com o povo, também não se interessa pelo sangue derramado em sacrifícios. Deus não quer sacrifícios. O que Deus quer é um relacionamento firme e sólido, solidário e profundo. "Quero *hesed* e não sacrifícios. Conhecimento de Deus e não holocaustos" (Os 6,6). Oséias coloca dentro de um paralelismo *hesed* e conhecimento de Deus. Assim, para o profeta, conhecer a Deus é praticar o *hesed*.

Esta visão nova de um relacionamento tão antigo, iniciada por Oséias, deu esperanças principalmente para os pobres, a viúva, o órfão e o estrangeiro, os deserdados pelo sistema de sangue que desestruturou a casa patriarcal. Esta linha teológica foi aprofundada por Jeremias (Jr 2,2; 9,23; 11,15-16, 30,18-24; 31,3) e pelo Dêutero-Isaías (Is 40,6; 54,8.10; 55,3), apontando um caminho para o povo durante as provações do exílio. Temos então uma nova mística sustentando a casa.

Depois do exílio, estas reflexões surgirão como a alternativa dos pobres na reconstrução do país. Reconstruir o país a partir de uma nova casa, dentro de uma nova mística, onde as leis em defesa dos pobres são observadas. Já vimos que no livro de Rute as duas personagens estão dentro destas categorias: são viúvas pobres e Rute é uma estrangeira. Para os pobres, o sistema de solidariedade a partir do sangue de nada mais servia. Vale lembrar que o livro de Rute é contemporâneo da reforma religiosa de Esdras, cujo objetivo era reconstruir o país – a casa – a partir dos critérios de raça, sangue, pureza e sacrifícios.

5. Concretizando o sonho

Jesus retoma esta proposta em todo o seu vigor. A frase de Oséias é relembrada, seja quando Jesus cria laços com o diferente, acolhendo os pecadores, seja quando critica as devoções tradicionais e oficiais que marginalizam os pobres (Mt 9,13; 12,7). A bem-aventurança que melhor traduz este ensinamento de Jesus é aquela dizendo que apenas os que praticam o *hesed* terão *hesed* da parte de Deus (Mt 5,7). Da mesma forma, estão dentro de seu ensinamento suas palavras radicais diante da opção entre sacrifícios e solidariedade mútua (Mt 5,23-24).

Para a comunidade de Lucas este ensinamento de Jesus é relembrado nas linhas básicas da parábola do samaritano (Lc 10,29-37). A questão que originou a parábola era saber quem era o próximo merecedor do amor (*hesed*). Ao contar a parábola, Jesus mostra que o samaritano, livre das leis de sangue, aproximou-se do caído, curou suas feridas, levou-o ao abrigo da estalagem e ainda comprometeu-se com ele a ponto de voltar para ver se tudo tinha corrido bem. Depois desta parábola, Jesus se volta para quem o tinha interrogado e pergunta: "Na tua opinião, quem foi o próximo daquele que tinha caído?" Diante de tal exemplo, a pessoa não tinha outra alternativa a não ser responder: "Aquele que usou de misericórdia (*hesed*) para com o caído!" "Pois então vai e faz a mesma coisa"– respondeu Jesus. Para Jesus, próximo é aquele necessitado de ajuda, a quem se enlaça pelo *hesed*. Quem não for capaz de desenvolver este sentimento e praticar este gesto, tolhido por preconceitos tais como cor, raça, sangue, sexo, classe social, ideologia ou qualquer outro, não pode dizer que segue Jesus.

Ao proclamar o Jubileu como um ano de graça do Senhor (Lc 4,19), Jesus na verdade está continuando a linha teológica profética, iniciada por Oséias. Nesta perspectiva, Jubileu é restabelecer o direito dos pobres, acolher os excluídos, reintegrando-os na casa. A casa de Simão (Mc 1,29), a casa de Levi (Mc 2,15) ou sua própria casa (Mc 2,1-2) foram palcos de milagres, ensinamentos, oração, acolhimento, vida nova em liberdade.

BIBLIOTECA

A casa era o lugar de acolhida para os marginalizados pelo sistema da pureza. Por isso Jesus diz ao paralítico: "Levanta-te, toma teu leito e vai para tua casa" (Mc 2,11). Para Jesus todos devemos reconstruir a casa, não mais a "casa do pai" mas a "Casa do Pai" (Jo 14,2), com as suas muitas moradas, pronta para acolher a todos.

Paulo entendeu isto muito bem e transpôs esta maneira de reconstruir a casa para dentro da cultura greco-romana. Suas recomendações para a comunidade de Roma mostram que o *hesed* é a base da nova casa – a comunidade – construída em nome de Jesus. O alicerce da comunidade é o sincero amor fraterno, que une todos em mútua afeição (Rm 12,9-10). Na despedida da carta, aparecem muitas casas, solidárias com os santos necessitados e exercendo a hospitalidade (Rm 12,13), e que abriram suas portas para acolher as comunidades em nome de Jesus (Rm 16,1-5).

Reconstruir a casa dentro desta proposta radical era muito exigente para quem vivia mergulhado na cultura greco-romana. Podemos imaginar as dificuldades que passou um homem chamado Filêmon. Residente em Colossos, Filêmon tinha sido convertido por Paulo e sua casa abrigava uma igreja (Fm 2). Um certo dia aparece em casa de Filêmon um escravo fugitivo, chamado Onésimo (Fm 12). Onésimo tinha fugido da casa de seu patrão e, ainda por cima, tinha roubado alguns bens (Fm 18). Nas mãos, Onésimo tinha uma pequena carta, enviada por Paulo a Filêmon. Nesta carta Paulo coloca Filêmon diante das exigências da vida nova e dos compromissos que esta vida pedia. Paulo chama Filêmon de "irmão bem-amado" (Fm 1). Agora o mesmo Paulo pede em nome "do amor" (do *hesed*) que Onésimo seja acolhido na casa também como "irmão bem-amado" (Fm 9).

Podemos imaginar o que teria passado pela cabeça de Filêmon diante de Onésimo. Pelas leis que regiam a casa romana o patrão, o *pater familias,* era o dono do escravo. Filêmon poderia, se bem o entendesse, mandar crucificar aquele escravo fugitivo e ladrão que a lei estaria lhe garantindo total apoio. Pois a carta dizia que Filêmon deveria acolher aquele escravo não mais como um escravo, mas como irmão bem-amado. Não como membro da antiga casa escravista, mas da nova casa, construída em Cristo. Não deve ter sido fácil para Filêmon!

Temos até hoje em nossas Bíblias esta carta. Sinal de que Filêmon passou no difícil teste de abrir mão de seu poder e de seus privilégios dentro da sociedade. Acolheu Onésimo como irmão bem-amado, dentro de sua nova casa. Uma casa cuja solidariedade era mais forte que o sistema econômico escravagista vigente na época. Filêmon mostra ser possível construir uma casa dentro do que pede Jesus. Uma nova casa onde todos possam morar nela em paz e felicidade.

Francisco Orofino
Castelo Branco, 313/12
26525-120 Nilópolis, RJ